

EL TREN DE LOS PIES LIGEROS / 2019

um filme de Miguel Coelho

Realização: Miguel Coelho / **Imagem:** Luis Montalvo / **Montagem:** Urzua Perez Rubio / **Mistura de som:** Thibault Delage, Maxime Olivier / **Música:** Guillaume Baurez, Romain Pascal / **Correcção de cor:** Hayika Maras.

Produção: Commune Image Media, Neutra Production / **Produtora:** Déborah Münzer / **Cópia:** dcp, cor, 76 minutos.

Com a presença de Miguel Coelho

Vivi na Cidade do México durante quatro anos. Comecei por visitar no Sul os sítios arqueológicos maias (Península do Yucatan), zapotecas (Oaxaca), teotihuacanos (Estado de México) e astecas (na capital). O fascínio pelas civilizações de grandes arquitectos vem de longe. Os relatos da chegada dos Espanhóis a Tenochtitlán, capital dos Astecas e actual Cidade de México, sublinham a sua admiração diante do que viram. Apesar do incrível choque de culturas que se viveu nessas horas, havia semelhanças entre ambas as civilizações. As duas assentavam no comércio entre populações sedentárias.

Desejei trilhar rotas menos conhecidas. A minha atenção dirigiu-se para o Norte, que era o grande ausente das conversas dos habitantes da capital. Quando perguntava porquê, respondiam-me que era quase outro país.

Decidi fazer a viagem a bordo de El Chepe, o último comboio de passageiros do México. Ele parte do Mar de Cortez, em Sinaloa, com destino ao Estado de Chihuahua. Pelo meio atravessa a Serra Tarahumara, onde se encontra um conjunto de montanhas e desfiladeiros, maior do que o Grand Canyon.

É uma gigantesca infraestrutura, construída para o transporte de mercadorias, que ascende do nível do mar até 2500 metros de altitude. Para além do prazer de deslizar por estes carris, El Chepe abre-nos as portas para a diversidade dos povos da serra. O Noroeste foi, até à chegada dos Espanhóis, uma terra de nómadas: os Rarámuri (nome que se dão a si próprios os Tarahumaras, povo autóctone de Chihuahua), os Yoreme (povo autóctone do estado de Sinaloa) e outros grupos da região eram essencialmente caçadores-recolectores. Sendo ainda hoje semi-nómadas, estes povos conservam uma sabedoria ancestral ligada às travessias destes espaços. Os Rarámuri dizem: *“Caminhar bem, é pensar bem”*.

Nessa viagem, duas visões vieram despertar o desejo de fazer um filme.

Vi meninas rarámuri, crianças atléticas, simpáticas e curiosas, caminhar aos pares, sem adultos. Elas conhecem melhor do que ninguém os caminhos das serras e conduzem os visitantes através das florestas, montanhas e abismos. A sua presença, como um sopro de liberdade, é um convite a deixar-se seduzir pelo génio do lugar.

A segunda visão deu-se nos vagões de El Chepe, quando vi Rarámuris vestidos de saias brancas e camisas coloridas, viajando lado a lado com mulheres menonitas de toca e pele clara, que pareciam ter escapado de uma pintura de Vermeer.

Numa época em que todos estamos cada vez mais idênticos, estas pessoas tinham não só roupas diferentes, mas também um porte distinto. Os Menonitas mantinham-se extremamente verticais e os Rarámuri solidamente apoiados nas suas pernas. Interroguei-me sobre as tradições e a sensibilidade na origem dessas formas de estar.

A oportunidade de partilhar estas experiências surgiu quando fui convidado a realizar um documentário sobre o México para *Connaissance du Monde*. Trata-se de uma colecção francesa de filmes de viagens. O conceito é simples: “no ecrã um filme, no palco um realizador”. O dispositivo exige que o

realizador esteja presente em cada sessão de cinema para “dizer” o seu comentário, ao mesmo tempo que no ecrã as imagens desfilam. Esse comentário é elaborado a partir das observações e reflexões suscitadas pela viagem. Entre os primeiros “contadores” encontramos Jean Rouch e o Comandante Cousteau.

Hoje são filmes populares com uma dimensão pedagógica. Na hora de realizar há que aceitar várias regras: a preponderância da voz off, a menor importância do som directo, a utilização de música composta para o filme e a inserção de mapas ilustrando os trajectos.

Decidi realizar um filme do ponto de vista de um viajante, essa personagem que suscita desconfiança. Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss escrevia: “odeio as viagens e os exploradores”, referindo-se aos que buscam a glória contando as suas façanhas.

Quis apropriar-me do comentário sobre as imagens para que se tornasse a expressão de uma aprendizagem por parte de alguém que desconhece quase tudo.

Sabia que o contexto de relações violentas entre indígenas e não indígenas poderia interferir nas nossas relações. As pessoas que filmei decidiam tanto o que desejavam revelar, como aquilo que escolhiam deixar oculto, longe dos olhos de um estrangeiro.

Por exemplo, na festa de Semana Santa, os Rarámuri pediram-me que partisse, depois de se transformarem em *Shabochis* (assim chamam aos brancos, os homens com teias de aranha na cara). A noite de gozo e anarquia, em que se apropriam dos maus comportamentos dos brancos, pertencia-lhes a eles, colectivamente. E lá saí frustrado, sonhando com as imagens dos diabos brancos que se perdem por entre os arbustos, soltando gritos eufóricos, numa noite de lua cheia.

Quis fazer um filme onde todos pudessem entrar e ser como são.

Os Menonitas negam a ideia mesma de liberdade individual. É a comunidade que toma as decisões. Ao contrário dos povos indígenas, para os Menonitas ortodoxos não há embriaguez. Em nenhum momento festivo se apropriam do caos do mundo, como os Rarámuri. As muralhas que os rodeiam nas planícies são mais altas do que as da Serra. Talvez por isso sejam cada vez mais os que se juntam ao grupo dos “liberais”, como Verónica. Ela é a outra viajante do filme, aquela que reclama o direito de se aventurar “no mundo”. Por isso a voz off se interrompe para escutar o seu “conto”, como ela diz. Ela questiona esse fechamento colectivo como estratégia de resistência. A sua reflexão sobre as dificuldades do indivíduo que abandona a comunidade poderia valer para qualquer um. Aquele que parte e regressa não é sempre bem-vindo. E no entanto, muitas vezes traz algo que faltava à comunidade. Verónica trouxe a Arte, que era associada pelo grupo ao pecado da vaidade. A sua vontade de ensinar pintura aos jovens menonitas pode parecer banal a quem vive rodeado de imagens, mas no seu contexto é de uma grande ambição. No filme vemos essas primeiras pinturas da História da Arte menonita que se inicia.

Para os indígenas da região todos são relevantes. Os animais, as árvores, as plantas e as montanhas estão vivos. Fazem parte de uma assembleia de vozes onde participam os homens, os ursos, os pumas, mas também os lagartos e as formigas. E é preciso contar também com aqueles que não se veem. Os espíritos dos mortos, por exemplo, que às vezes se perdem e fazem o mal, pensando que estão a fazer o bem.

A sua visão animista exprime-se de forma poética. As árvores merecem viver mais tempo pois, ao contrário de homens e animais, não pisam ninguém. As montanhas da Serra Tarahumara são como uma mãe, que protege e acolhe. O veado pode ser caçado para que os homens comam a sua carne, mas é justo retribuir esse dom, dançando em sua honra.

Trata-se de uma arte de viver diferente da dos europeus, onde não cabe o conceito de “Natureza”, pois não concebem os humanos separados do que os rodeia.

Poderia ter feito outro filme que incluísse os narcotraficantes que se instalaram na Serra desde há alguns anos. Hoje eles são os novos mestres, os que escravizam os Rarámuri nas plantações de papoila, para produzir heroína. São apenas os últimos de uma série de opressores que inclui Jesuítas e Espanhóis. A presença do crime organizado engole tanto os espaços físicos, como mediáticos. A beleza da região é eclipsada e todos os que lá vivem sofrem do estigma associado às infâmias que aí se cometem. Fiz a escolha de ignorar os invasores e devolver o protagonismo aos Rarámuri, Yoreme e Menonitas. Quis interessar-me por eles, pela beleza da sua visão do mundo, contribuir para reparar a injustiça da sua invisibilidade.

Miguel Coelho